INFORMAÇÃO & INFORMAÇÃO
DOI: 10.5433/1981-8920.2026v31n3p408
eISSN 1981-8920

Gestão de clubes de leitura em bibliotecas universitárias públicas brasileiras

Thayná Duarte
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bibliotecária na Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral. Florianópolis, Brasil.
thayna.duarte@edu.udesc.br

Daniela Spudeit
Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Florianópolis, Brasil.
daniela.spudeit@udesc.br

Resumo

Objetivo: Investiga os clubes de leitura como serviços de informação em bibliotecas universitárias (BUs) públicas brasileiras. **Metodologia**: Adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, respaldada na bibliografia da área e em entrevistas com gestores de quinze clubes de leitura vinculados à BUs públicas brasileiras. Os dados foram tratados com base na técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016), permitindo identificar padrões, tendências e fragilidades gerenciais. **Resultados**: Percebeu-se que, embora marcadas por informalidade e esforços individuais, essas iniciativas configuram-se como estratégias potentes de transformação do papel social da biblioteca. Evidenciou-se que os clubes de leitura extrapolam a dimensão de atividades culturais assumindo a condição de serviços de informação capazes de promover a mediação qualificada da leitura, a formação crítica e o fortalecimento de vínculos entre universidade e sociedade. **Conclusão**: Os clubes de leitura demonstraram potencial para reconfigurar a dinâmica das BUs, ampliando sua visibilidade, diversificando o uso dos espaços e influenciando políticas de desenvolvimento de coleções. Além disso, atuam como porta de entrada para novos públicos, ressignificando a imagem da biblioteca como um espaço de acolhimento, cultura e bem-estar. Constituindo-se, portanto, em um serviço capaz de reunir sujeitos de diversas origens em uma convivência dialógica em torno da leitura.

Descritores: Clube de leitura. Biblioteca universitária. Serviços de Informação. Gestão de bibliotecas.

Recebido em: 01.10.2025 | **Aceito em:** 11.02.2026

1 Introdução

De acordo com Amaral e Corrêa (2020), as bibliotecas universitárias (BUs) brasileiras representam, muitas vezes, o primeiro contato de algumas pessoas, especialmente as de menor poder aquisitivo, com o acesso gratuito a recursos diversificados e serviços de qualidade. Essa condição lhes confere papel estratégico na articulação de iniciativas que promovam a mediação da leitura, a construção crítica do conhecimento e a inclusão social das comunidades em que estão inseridas.

Nos últimos anos, quando se fala em mediação da leitura, nos deparamos com discursos apocalípticos e pesquisas estatísticas[1] que indicam para uma aparente crise nas práticas de leitura em decorrência do consumo digital. Contudo, de acordo com Carvalho (2014), se, por um lado, possa ocorrer de fato, o que chama de fragmentação textual – aquela leitura casual e de pouca concentração; por outro, essa nova ecologia informacional impulsiona novas tipologias de leitores. Portanto, longe de decretar o fim do ato leitor, tais conjunturas desvelam as profundas disparidades socioeconômicas presentes na sociedade brasileira.

Esses fatores estruturais, somados a experiências adversas geradas ao longo do processo educacional, que tradicionalmente condicionam o ato de ler a uma atividade cansativa, avaliativa e pouco prazerosa (Cativo; Souza, 2018), perpetuam, no senso comum, uma visão elitizada da leitura.

Mesmo no ambiente universitário, observa-se a predominância da leitura técnica que, embora essencial para a formação profissional, tende a restringir-se a conteúdos específicos, motivados por obrigações acadêmicas, o que dificulta a percepção da leitura e das bibliotecas como fontes de entretenimento e construção de comunidades (Fonseca, 2023; Izoton, 2023; Lankes, 2016; Sanches, 2022). Nesse contexto, é urgente o desenvolvimento de ações institucionais que resgatem a questão da leitura literária como vetor de emancipação, inserção social, informação e lazer, consolidando a “[...] biblioteca como o espaço social de convergência desses fatores” (Lubisco, 2011, p. 55).

Partindo desse pressuposto, é premissa desta pesquisa que a formalização

[1] Segundo a 6ª edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (Failla, 2025) a maioria dos brasileiros (53%) não leram nenhum livro, impresso ou digital, nos três meses anteriores ao levantamento. Entre os motivos apontados para a não leitura, destacam-se a falta de tempo e a preferência pelo uso da Internet nos momentos de lazer.

institucional de um clube de leitura em BU apresenta-se como uma alternativa eficaz para minimizar os efeitos negativos da falta interpretação crítica dos cidadãos brasileiros.

Diante desse panorama, delineou-se a seguinte pergunta de pesquisa: Como as bibliotecas universitárias brasileiras estão estruturando e gerindo clubes de leitura? Para isso, nos propomos a: a) contextualizar, com base na literatura, a importância dos clubes de leitura como serviço de informação em BUs; b) Mapear a existência de clubes de leitura em BUs públicas brasileiras e; por fim, c) Verificar como estes clubes de leitura estão estruturados.

Este estudo justifica-se por buscar ampliar as discussões sobre o viés sociocultural da informação, contribuindo com o escopo do campo da Ciência da Informação. Considerando a literatura científica especializada da área nos últimos 10 anos (2015-2025), que será discutida nesse trabalho, foi possível identificar a existência de lacunas nos processos gerenciais de clubes de leitura. Assim, tomaremos a formalização institucional desses serviços como objeto de estudo relevante para a mensuração de seus impactos nas BUs públicas brasileiras.

2 Bibliotecas universitárias

As BUs são compreendidas como unidades de informação mantidas por instituições de ensino superior, organizadas de forma individual ou em sistemas integrados, conforme as demandas institucionais (Cunha, 2008). Historicamente, as BUs brasileiras concentram seus esforços no apoio técnico-científico as atividades de ensino, pesquisa e extensão (Brasil, 1988). No entanto, conforme adverte Fonseca (2023), a abordagem de instrumentos como o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) do Ministério da Educação (MEC) – que enquadra as bibliotecas na dimensão de infraestrutura e mensura a qualidade de seus serviços por meio de indicadores que consideram, principalmente, a disponibilidade de recursos bibliográficos e tecnológicos e as condições do espaço físico e de acessibilidade –, reforçam uma visão reducionista da BU, negligenciando seu potencial mediador entre os conhecimentos acadêmicos e as demandas sociais.

Este cenário impõe transformações paradigmáticas à atuação da BU, desafiando-a a superar seu papel tradicional. O simples acesso ao livro não é

suficiente, para consolidar as BUs como espaços de aprendizagem não-formal. Almeida Júnior (2015) destaca a mediação da informação[2] como forma de superar o modelo difusionista; exigindo, portanto, a proposição de serviços e ações que integrem o conhecimento registrado, o conhecimento empírico e as tecnologias com uma abordagem que valorize as relações humanas de modo a contribuir com a formação crítico-reflexiva dos indivíduos.

É precisamente nesse ponto de inflexão que propomos a gestão de clubes de leitura como um serviço de informação que provoca e organiza debates intencionais que tensionam os saberes empíricos, os conhecimentos científicos e as vivências subjetivas dos sujeitos contribuindo, assim, para consolidar as bibliotecas como dispositivos de mediação dialógica e apropriação crítica do conhecimento.

2.1 Clubes de leitura em bibliotecas universitárias

De acordo com o levantamento de Brito (2022), algumas características definem os clubes de leitura, como a reunião de um grupo de leitores em periodicidade regular, mediados por uma pessoa designada para moderar e facilitar as discussões. As principais finalidades desses grupos incluem promover acesso democrático à leitura, contribuir para a formação crítica, incentivar o debate e a socialização do conhecimento e ampliar o repertório cultural dos participantes (Belfort; Alcantara; Morais, 2020).

Embora a criação de um clube de leitura possa parecer, à primeira vista, uma tarefa simples, defenderemos neste trabalho a premissa de que sua integração a políticas institucionais maiores pode contribuir para a sustentabilidade da iniciativa, transformando-a em um serviço permanente da BU.

Desse modo, a formalização institucional de clubes de leitura requer sua vinculação à processos normativos, como portarias ou regimentos alinhados ao Plano de Desenvolvimento Institucional[3] da universidade. Comumente no Brasil, os clubes

[2] A mediação da informação é toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais (Almeida Júnior, 2015, p. 25).

[3] É um documento que define a missão, visão, objetivos e estratégias de uma instituição de ensino superior, abrangendo um período de cinco anos. Ele serve como um guia para o planejamento e

de leitura são associados ao serviço de referência e/ou a ações culturais.

Santa Anna (2023) enfatiza que os profissionais do serviço de referência são os mais indicados a coordenarem essas iniciativas pois são os responsáveis por dinamizar os acervos e manterem contato direto com o público. Estes profissionais dispõem de competências para a realização de parcerias e planejamento de projetos ou eventos que podem ser submetidos a editais de fomento.

Essa integração institucional confere legitimidade às ações culturais, ampliando tanto o alcance quanto o impacto acadêmico-social da iniciativa e superando um desafio frequente identificado na literatura: a descontinuidade de projetos devido à falta de apoio institucional (Instituto Itaú Cultural; PUC-Rio, 2021). Ao alinhar-se aos objetivos universitários, o clube de leitura ganha reconhecimento como atividade relevante tanto no âmbito interno quanto no diálogo com a comunidade externa (Brito, 2022; Kama *et al*., 2018; Santos, 2021; Souza *et al*., 2021; Trevisol Neto; Lazzari; Kleinubing, 2022).

Pesquisas recentes apresentam importantes contribuições para compreender as lacunas e os avanços relacionados à criação e gestão de clubes de leitura em BUs:

Santos (2021) verificou a existência de ações culturais e atividades de extensão promovidas pela Biblioteca Central da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e, aplicou questionário com os discentes de cursos de licenciatura e servidores da biblioteca. Os resultados evidenciam o papel da biblioteca universitária no incentivo à leitura literária como meio de desenvolver competências nos futuros profissionais e ressalta a importância de institucionalizar esses projetos no ambiente acadêmico. Por fim, sugere estudos comparativos entre iniciativas de leitura literária em diferentes universidades identificando as melhores práticas que poderiam ser adotadas de forma ampla.

Sanches (2022) destaca o potencial dos grupos de leitura literários em bibliotecas universitárias, como ferramentas estratégicas para o desenvolvimento de competências transversais à formação integral dos indivíduos. Os resultados da análise bibliográfica e dos depoimentos de participantes de uma experiência portuguesa, evidenciam que essas iniciativas de leitura compartilhada fomentam a capacidade crítica, interpretativa, argumentativa e socioemocional. A autora justifica

gestão da instituição, orientando suas ações e decisões ao longo desse período (Sant'ana *et al*., 2017).

assim, a importância de oportunizar a "[...] criação e implementação de grupos de leitura no contexto do ensino superior" (Sanches, 2022).

Trevisol Neto, Lazzari e Kleinubing (2022), Duarte e Silveira (2023) além de relatarem experiências de clubes de leitura universitários, apontam que, embora existam, na literatura, pesquisas sobre serviços de biblioteca em geral, há escassez de trabalhos focados nas estratégias e resultados específicos de atividades culturais. Diante disso, recomendam estudos que explorem mais profundamente as competências necessárias e os desafios enfrentados por coordenadores de clubes de leitura em bibliotecas universitárias.

Tanus, Fonseca e Tanus (2024) investigaram a presença de projetos de mediação literária nos sites das bibliotecas centrais das universidades federais brasileiras. Os resultados indicam uma oferta limitada dessas iniciativas. Nas conclusões, sugerem a ampliação da pesquisa, com a inclusão de outras bibliotecas universitárias brasileiras e, recomendam a realização de entrevistas com bibliotecários, a fim de identificar a existência de outros projetos com este viés.

Já os relatos de Ficht (2016), Kama *et al*. (2018), Souza *et al*. (2021) e Aguiar, Nascimento e Oliveira (2025) destacam entre os impactos da implantação de clubes de leitura, a ampliação da visibilidade e do uso da biblioteca tanto por membros da comunidade acadêmica quanto externa, o que contribui para o fortalecimento de laços sociais.

A seguir são apresentados os procedimentos metodológicos que orientaram esse estudo.

3 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa possui caráter exploratório-descritivo, pois se propõe a investigar um fenômeno ainda pouco sistematizado no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação: os clubes de leitura em bibliotecas universitárias. Para isso, adota-se uma abordagem qualitativa que, conforme Triviños (1987), permite analisar de forma mais aprofundada o objeto. No caso deste estudo, realizou-se, o mapeamento dos clubes de leitura vinculados a bibliotecas de universidades públicas brasileiras e a aplicação de entrevistas com os profissionais gestores dessas iniciativas.

Para delimitar o universo da pesquisa recorreu-se à consulta ao Sistema e-

MEC, a partir do qual foram identificadas 109 universidades públicas ativas (federais e estaduais) na modalidade presencial. A estratégia consistiu na: (1) busca por termos-chave ("Clube(s) de Leitura", "Clube(s) do Livro", "Clube(s) Literário(s)", "Roda(s) de Leitura", "Roda(s) Literária(s)" "Grupo(s) de Leitura", "Projeto(s) de Leitura", "Círculo(s) Literário(s)" e "Círculo(s) de Leitura") nas ferramentas de pesquisa dos sites institucionais das universidades; (2) checagem das abas que remetessem a serviços, notícias e projetos culturais, dos sites institucionais das BUs (quando disponíveis); e (3) visita na principal mídia social da biblioteca (quando disponível) em busca de publicações que permitissem identificar a presença de clubes de leitura como um serviço regular de mediação.

Desse modo, o recorte delimitou-se a 29 clubes. Por definição, essa amostragem caracteriza-se como não probabilística e intencional, visto que os sujeitos foram selecionados por serem capazes de fornecer as informações sobre o fenômeno objeto da investigação (Creswell, 2014), neste caso, profissionais que atuam diretamente na gestão e/ou mediação de clubes de leitura em BU brasileiras.

A partir desse levantamento, foi feito no mês de dezembro/2025, contato via e-mail com as equipes dos clubes de leitura identificados para agendar as entrevistas. Considerando as perdas por ausência de retorno ao contato, recusa expressa à participação ou inadequação com a proposta da pesquisa, a amostra final constitui-se, de 15 equipes de clubes de leitura, cujo aceite voluntário foi formalizado mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Consentimento para Fotografias, Vídeos e Gravações.

Para a realização das entrevistas, foi elaborado como instrumento de coleta de dados um roteiro semiestruturado para análise dos aspectos organizacionais e operacionais dos clubes de leitura, como: histórico e gestão; critérios de seleção de obras; formato, frequência e duração dos encontros; práticas de mediação e métodos de avaliação das atividades.

Os documentos resultantes das transcrições das entrevistas foram submetidos à técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016), indicado para estudos qualitativos, visto que busca "[...] compreender criticamente o [...] conteúdo [...] de todas as formas de discurso, procurando ver o que está por detrás das palavras" (Severino, 2017, p. 67). A técnica de Bardin (2016) opera em três etapas inter-relacionadas: (1) a pré-análise, voltada à organização do material; (2) a exploração do material, na qual os

dados são codificados e categorizados; e (3) o tratamento dos resultados e interpretações, que aprofunda as relações entre os dados empíricos e teóricos, permitindo a compreensão das práticas investigadas e a proposição de inferências.

Cada entrevista recebeu um código alfanumérico correspondente (E1 para a Entrevista do clube 1, E2 para a Entrevista do clube 2, e assim por diante), decisão adotada para preservar o anonimato dos membros da equipe. As inferências e interpretações resultantes desse processo, confrontadas com o referencial teórico, são apresentadas de maneira resumida[4] a seguir.

4 Caracterização dos clubes de leitura

No que tange à distribuição geográfica, o mapeamento contemplou todas as regiões do território brasileiro. Foram analisados 9 clubes na região Sudeste, 2 na região Sul, 2 no Nordeste, 1 no Norte e 1 no Centro-Oeste. Quanto à natureza administrativa das instituições, houve uma representação equilibrada entre as esferas, sendo oito oriundos de universidades federais e sete de estaduais.

Em relação ao histórico de criação, pode-se afirmar um crescimento notável nos últimos anos. O pico de maior ocorrência foi em 2019, com 4 unidades. Posteriormente, observa-se uma retomada expressiva em 2024 (3 clubes) e 2025 (5 clubes). Apenas dois desses clubes tiveram suas atividades encerradas, respectivamente em 2024 e 2025.

Os entrevistados também foram questionados a respeito das motivações que impulsionaram a criação dos clubes de leitura, partindo do pressuposto que esses projetos não surgem no vácuo, mas como respostas a demandas sociais, pedagógicas e/ou institucionais.

> *E1: [...]* ***a gente quis trazer isso enquanto serviço****, como bibliotecários, mediando, fazendo a curadoria [...] enquanto algo nosso mesmo [...].*
> *E5: [...] os professores reclamam muito que a maioria dos alunos tem muita* ***dificuldade com leitura, com interpretação de texto*** *[...].*
> *E14: [...] durante o período pandêmico [...] eu tive uma ideia de fazer um clube de leitura onde a gente fosse trabalhar uma* ***aproximação*** *[...] e nós fizemos um projeto pensando num* ***acolhimento*** *dos nossos usuários e usuárias usando como estratégia a literatura como um lugar de troca de afetos. [...].*

[4] Os resultados da pesquisa na íntegra, assim como as transcrições das entrevistas completas podem ser consultadas em: DUARTE, Thayná. **Diretrizes para criação e gestão de clubes de leitura em bibliotecas universitárias públicas**. 2026. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2026. Disponível em: https://repositorio.udesc.br/handle/UDESC/28387. Acesso em: 19 set. 2026.

A partir dos relatos, foi possível organizar essas motivações em três eixos principais que, embora distintos, muitas vezes coexistem e complementam os fundamentos de uma mesma iniciativa: a) Protagonismo profissional; b) Socialização e enfrentamento aos efeitos da pandemia e; c) Lacunas do sistema educacional. Em um caso específico (E12) houve ainda, a iniciativa espontânea dos próprios discentes que, propuseram aos servidores da biblioteca encontros para a discussão de obras literárias.

Diante disso, infere-se que a criação dos clubes de leitura manifesta-se tanto como um esforço dos profissionais entrevistados em manter a relevância das bibliotecas no mundo contemporâneo, quanto como uma resposta às demandas da comunidade acadêmica por ambientes de fruição, socialização e troca de saberes.

Em relação aos objetivos, foi possível categorizar as metas dessas iniciativas em quatro eixos de ação que dialogam com as motivações apresentadas anteriormente: a) Desenvolvimento de competências leitoras; b) Impacto socioemocional; c) Visibilidade institucional; d) Cidadania, associativismo e ação política.

> *E6: [...] o clube de leitura tem um aspeto também **político** [...] possibilitar deslocamentos de compreensão e de concepção da vida e pensar essa possibilidade de articulação, de **associativismo** [...] a gente conseguir reunir pessoas diferentes, principalmente pessoas que não tiveram acesso à leitura por vários motivos. É muito potente [...].*

De acordo com Durand e Gerbovic (2024), ao operarem fora da lógica utilitarista e hierarquizada de transmissão de conhecimentos, os debates em clubes de leitura permitem que os sujeitos compartilhem sua intimidade e visões de mundo sem o receio da exposição direta, uma vez que o foco é o objeto literário. Essa intersecção entre o enredo da obra, a subjetividade do leitor e a discussão coletiva contribui para a formação de leitores capazes de interrogar não apenas os textos, mas também as complexidades que permeiam o mundo.

A partir dos relatos, foi possível identificar três modelos de formalização institucional: a) Via edital de extensão ou fomento; b) Formalização interna à biblioteca; e, c) Iniciativas informais. Nessa perspectiva, as iniciativas mais consolidadas, com 4 a 9 anos de atuação são justamente aquelas que passaram ou estão passando por processos de formalização e operam com pelo menos duas ou mais pessoas na equipe.

> *E1: [...] Há 6 anos, a gente formalmente é um projeto de extensão vinculado a universidade [...] tem um **aporte financeiro** bem bacana para a gente*

> *selecionar bolsista [...].*

Em suma, a busca pela formalização institucional – registro como projeto de extensão ou serviço de informação da BU é um indicador da capacidade de sustentabilidade e suporte administrativo, que impacta na divisão de trabalho e na segurança jurídica dos servidores envolvidos. Nesse sentido, para mitigar a vulnerabilidade dos projetos reforça-se a integração do clube de leitura aos serviços tradicionais de referência, garantindo, assim, a formação de equipes mínimas viáveis.

4.1 Gestão dos clubes de leitura

Após compreendermos as motivações e os arranjos institucionais que permitem o surgimento dos clubes de leitura, esta seção dedica-se a analisar a estrutura gerencial e as escolhas operacionais que sustentam essas iniciativas. Dessa forma, são examinados os processos que envolvem o ciclo de implantação e manutenção dos clubes de leitura em BUs públicas brasileiras, sistematizados neste trabalho em quatro dimensões gerenciais: planejamento, organização, execução e controle.

4.1.1 Planejamento

A etapa de planejamento representa as escolhas operacionais que definem a identidade dos clubes de leitura analisados. Este processo compreende a definição do tipo, do formato e da periodicidade dos encontros.

No universo analisado, percebeu-se que a tipologia dos clubes oscila entre modelos livres (E2, E3, E6, E10, E13) ou temáticos (E1, E4, E5, E7, E8, E9, E11, E12, E14, E15).

> *E1: [...] tem halloween em outubro [...] em novembro, tem o Dia da Consciência Negra [...] Dia da Mulher, o Dia do Bibliotecário, a gente tenta trazer uns* ***temas específicos*** *[...].*

Percebe-se que, entre os clubes temáticos, é comum a articulação de efemérides e datas comemorativas para pautar a seleção de obras com assuntos que estejam em evidência na sociedade.

De maneira complementar, a opção por contos (E4, E7) surge como uma estratégia para enfrentar a alta carga de leituras técnicas dos estudantes, visando reduzir a barreira de entrada dos participantes. De acordo com Durand e Gerbovic (2024), o uso de estruturas narrativas mais breves, como os contos, crônicas,

quadrinhos ou romances curtos, funciona como uma introdução à experiência literária.

Em relação ao formato, há ocorrências de modelos virtuais (E1, E2, E8, E14) e híbrido (E12) – que oferecem maior alcance e atrai a comunidade externa –, e os presenciais (E1, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E11, E13, E15), cuja valorização se dá por seu caráter de interação humana, principalmente após o período de isolamento provocado pela pandemia de Covid-19.

> *E3: [...] o presencial faz bem. [...] Você vê as pessoas, você vê as interações,* ***as pessoas se comunicam com o corpo, com a fala, com a risada*** *[...].*

Na pesquisa de Brito (2022), esses elementos também aparecem no discurso dos entrevistados. Enquanto alguns defendem o encontro presencial sob o argumento de que a corporalidade dinamiza as interações e propicia a criação de vínculos socioculturais; outros destacam as facilidades de acesso ao ambiente virtual. Em suma, os dados indicam que não existe um formato ideal, mas sim uma adequação constante entre as demandas do público, a disponibilidade da equipe e os recursos infraestruturais da BU.

A periodicidade predominante é a mensal (E1, E2, E3, E4, E5, E8, E9, E11, E12, E15). Paralelamente, também aparece a frequência bimestral (E6, E10, E13), quinzenal (E14) e semanal (E7). A duração média dos encontros varia entre 1h e 2h. Assim, a definição do intervalo entre as reuniões não é meramente administrativa, mas uma decisão que deve considerar a extensão do objeto de leitura e a capacidade operacional das equipes.

Em relação ao público-alvo, a maioria dos clubes (exceto E5, E10 e E15) declara-se aberto ao público externo. Essa escolha reflete a vocação da BU em constituir-se um espaço democrático. Nos casos de E2, E5 e E11, a parceria com instituições do entorno (Instituto Federal, Escola Municipal e Biblioteca Municipal) reforçam o papel da BU como um equipamento cultural para a comunidade local. Nesse sentido, Cativo e Souza (2018) defendem que a cooperação entre instituições para a promoção de ações culturais aproxima comunidades distintas.

Conclui-se, portanto, o que molda o clube são os seus objetivos, a tipologia das obras selecionadas e a realidade local.

4.1.2 Organização

Em relação à organização, foram analisados os processos "meio" que

preparam a infraestrutura para a experiência do clube de leitura, incluindo a logística dos encontros, os limites de participação e as estratégias de divulgação adotadas.

Quanto a logística dos encontros, observa-se, no formato presencial, que o espaço é um fator determinante para a atmosfera do encontro. Desse modo, quando possível, há uma preferência por espaços internos à biblioteca (E1, E3, E4, E6, E8, E9, E10, E12, E15).

> *E9: [...] cada encontro ia ser em uma biblioteca para a gente tentar* ***ocupar o máximo de bibliotecas possíveis*** *[...] a gente sabe que cada Biblioteca tem uma estrutura diferente, [...]. Eu brinco que a gente leva quase a estrutura do circo [...] a gente* ***leva o que está faltando*** *e a biblioteca entra com o que ela tem [...].*

Carreño Montero (2015, p. 120, tradução nossa) afirma que, por natureza, o clube de leitura é uma "[...] atividade facilmente adaptável a uma ampla variedade de ambientes [...], desde que seja grande o suficiente para acomodar seus participantes [...]". Para facilitar a dinâmica do grupo, o espaço deve ser acolhedor e confortável, organizado de modo a garantir que todos os participantes possam se ver e se comunicar.

No que diz respeito ao formato virtual, a logística migra para a infraestrutura tecnológica. Envolve o gerenciamento de inscrições e listas de contatos, a utilização de ferramentas digitais diversas, o monitoramento da qualidade da conexão e o acesso simultâneo por meio de múltiplos dispositivos.

A limitação do número de participantes é uma decisão decorrente da disponibilidade de espaço e da qualidade da mediação. Em alguns casos, são estabelecidas entre 15 e 30 vagas (E3, E9, E10, E13), de modo a preservar o clima intimista e garantir que todos possam ter momentos de fala. Em geral observa-se que nos encontros on-line não é comum estabelecer um limite de participantes, visto que os gestores confirmam que nem todas as pessoas se expressam e pedem a palavra.

As estratégias de divulgação são majoritariamente digitais, mas com forte apoio do "boca a boca". Observa-se que os e-mails e sites institucionais, além de cartazes espalhados pelos centros, são apontados como fundamentais para atingir a comunidade acadêmica, enquanto as redes sociais, como o *Instagram* e grupos de *WhatsApp*, ampliam o alcance para a comunidade externa. O *WhatsApp*, em especial, funciona como ferramenta de comunicação direta, utilizada para coleta de sugestões, *feedbacks*, votações, enquetes e manutenção do vínculo com o público já integrante do clube.

> *E4: [...] a gente foi pensar na **identidade visual** do projeto. [...] Nós iniciamos a divulgação, por meio das **redes sociais**, com os cartazes fixados aqui na escola. Nós elaboramos os **marcadores de página** [...], **bottons**. [...] o **boca a boca** também [...] o grupo no WhatsApp [...] reforça vínculo [...].*

Nesse sentido, os relatos evidenciam a expertise das equipes na geração de conteúdo adicional, como *podcasts* (E1, E14), blogs (E6), materiais complementares (E6, E15), que retroalimentam o ecossistema de divulgação e agregam valor ao trabalho desses profissionais como mediadores de informação. Além disso, há iniciativas que investem em produtos personalizados, como marcadores de página (E3, E4, E8), sacolas ecológicas (E9), calendários (E3), *bottons* (E4) e "passaportes" de leitura (E12), visando materializar a experiência do clube. Segundo os gestores, esses recursos não são meros brindes; eles conferem identidade à proposta e criam vínculo afetivo com o clube, transmitindo ao participante o sentimento de pertencimento a um grupo.

Em síntese, a organização de um clube de leitura pressupõe um arranjo que harmoniza a logística dos encontros, a gestão da participação e a eficácia da comunicação.

4.1.3 Execução

Esta etapa compreende a realização do encontro em si e a definição sobre os critérios de seleção das obras e as dinâmicas que orientam a condução do debate.

No processo de seleção das obras observa-se um movimento de democratização da escolha, onde a maioria dos clubes (E1, E3, E4, E6, E8, E10, E12) combina a curadoria baseada em critérios com a participação ativa dos leitores por meio de formulários, enquetes ou votações durante as reuniões.

> *E4: [...] a gente pretende fazer com que o público, os participantes se sintam realmente **inseridos nesse processo** [...]. Então a gente recebe as indicações, a gente coloca em votação no grupo [...].*

Esta busca pela participação do leitor visa não apenas o engajamento, mas agrega valor ao projeto ao inserir o público no processo decisório. Nesse sentido, os critérios que costumam nortear a curadoria das obras envolvem: a disponibilidade e/ou acesso à obra, à extensão e à temática. Em nenhum dos clubes analisados são selecionadas obras em idiomas estrangeiros sem tradução, nem obras esgotadas no mercado editorial. Mesmo quando é possível orientar a aquisição para o acervo da biblioteca, é comum indicar o acesso em bibliotecas digitais, domínio público, acesso

aberto, estabelecer um valor teto para a aquisição da obra ou oferecer cupons de desconto para não onerar o participante.

Nos relatos analisados, embora cada instituição adapte à sua realidade, identifica-se uma estrutura comum a execução dos encontros, dividida em quatro momentos fundamentais: acolhimento, contextualização, debate livre e confraternização.

> *E4: [...] nos encontros a gente também [...] coloca na mesa ali sucos, café, bolacha [...]. Então a gente busca* ***criar um ambiente bem descontraído*** *para que as pessoas se sintam à vontade [...], e aí eu faço uma breve apresentação do encontro, da nossa proposta [...] tem aqueles momentos que as pessoas se colocam, trazem as suas experiências [...].*

Em relação às dinâmicas dos encontros, o debate é frequentemente suscitado por uma pergunta disparadora (E2, E4, E6, E7, E8, E10, E15) que sirva como um gatilho para romper um possível silêncio ou timidez inicial e impulsionar a conversa. Nesse sentido, Durand e Gerbovic (2024) observam que a maioria dos espaços sociais e profissionais com os quais temos contato cotidianamente é formatada de modo vertical e individualista, o que faz com que as pessoas, em geral, não estejam habituadas ao trabalho colaborativo ou à participação em processos decisórios.

Desse modo, o contato com a alteridade e o embate de ideias são apontados como os maiores benefícios do clube. A discussão coletiva potencializa a interpretação individual ao oferecer novas camadas de compreensão sobre a complexidade humana e as realidades plurais que nos rodeiam. Conclui-se, portanto que, cada encontro é uma configuração singular entre pessoas, local e obra.

4.1.4 Controle

A etapa de controle dedica-se ao monitoramento de resultados, englobando os instrumentos de avaliação e os desafios e oportunidades que impactam a sustentabilidade das iniciativas a longo prazo.

Conforme os relatos dos entrevistados, observa-se uma predominância de métodos informais de avaliação em detrimento de métricas rígidas.

> *E3: [...]* ***a gente vai avaliando mesmo com a experiência****, com os erros e acertos [...].*

Há uma resistência à formalização excessiva em favor da preservação da espontaneidade. Diante da necessidade de ajustes, apela-se para a sensibilidade da equipe. A maioria dos gestores prioriza o *feedback* voluntário colhido ao final dos

encontros ou via grupos de *WhatsApp*. Nesse sentido, os gestores acreditam que o "sucesso" do clube não deve ser medido pela quantidade de participantes, mas pelo potencial de impacto da experiência individual.

Embora a informalidade domine, bibliotecas com maior volume de participantes ou formalizados institucionalmente tendem a utilizar instrumentos um pouco mais sistematizados, como formulários para a coleta de críticas e sugestões (E1, E2, E3, E8, E9).

Nota-se, portanto, que em geral, independente do formato, a avaliação dos clubes foca em aspectos qualitativos e logísticos das discussões e não, no quantitativo de público atingido. Infere-se, portanto, que os monitoramentos dos clubes de leitura nas BUs são entendidos como um diálogo contínuo que visa não a produção de estatísticas de desempenho, mas a manutenção de um espaço de confiança, acolhimento e livre expressão.

Ainda que predominantemente intuitivo, os entrevistados puderam destacar como resultados tangíveis dos clubes de leitura: impactos na dinâmica espacial (organização física), na política de acervo e/ou na percepção institucional da biblioteca.

> *E11: [...] A gente teve um **aumento** da procura pela literatura no nosso acervo, tanto que resultou em a gente criar uma estante separada para a literatura [...] **ao ponto de a gente mexer no arranjo físico da Biblioteca** acho que foi um impacto bastante visual.*

Os gestores declaram que o clube de leitura atua como um "portal de entrada" para a biblioteca e seus demais serviços, atraindo pessoas que nunca haviam entrado no prédio ou que passam a frequentá-lo com maior regularidade a partir das reuniões, inclusive para participar de outros eventos. Resultados semelhantes são encontrados na experiência de Ficht (2016), que relata aumento orgânico tanto na circulação de usuários quanto na frequência de uso do acervo e demais serviços da BU a partir das reuniões do clube de leitura.

O clube de leitura pode ser uma ferramenta provocadora de transformações no paradigma das BU brasileiras como, por exemplo, na reformulação das Políticas de Desenvolvimento de Coleções, marcadas pela predominância de livros técnicos. Nesses casos, o clube legitima a aquisição de obras literárias mesmo por bibliotecas que não oferecem cursos relacionados, pois a demanda é justificada pela procura real dos leitores. A longo prazo, essa prática pode desfazer resistências internas e contribuir para o entendimento de que a BU pode ir além do apoio pedagógico.

Observações relevantes também são feitas em relação ao perfil e comportamento dos leitores: há predominância feminina no público frequentador de clubes de leitura. Os gestores notaram que as mulheres utilizam a leitura como um recurso terapêutico de conexão pessoal e subjetiva com a obra, enquanto os homens tendem a uma análise técnica e externa a si. Esses contornos de gênero são corroborados pelas estatísticas nacionais. No Brasil, aproximadamente 50,4% das mulheres se declararam leitoras, sendo também as principais consumidoras de livros e influenciadoras de novos leitores (Failla, 2025).

Com a intenção de compreender profundamente os limites da gestão e manutenção dos clubes de leitura nas BU, os entrevistados foram questionados sobre os desafios e oportunidades que impactam a perenidade dos projetos. Os obstáculos mais citados englobam o arranjo dos espaços, a prospecção e fidelização do público e a escassez de recursos humanos e financeiros. Além disso, barreiras culturais e institucionais também são enfrentadas, como burocracia ou ausência de reconhecimento da chefia ou dos pares.

> *E4: [...] você precisa fazer um trabalho de convencimento [...] envolver a sua equipe, envolver a sua comunidade [...]* ***a gente ouve muito até dos colegas: "ai, mas não vai dar certo, não vai aparecer ninguém****, [...]".*
> *E7: [...]* ***o processo de organização é cansativo mentalmente*** *[...] envolve a disponibilidade de recursos, [...] como cadeiras e o espaço físico [...], me aborrece um pouco esse lado aí da coisa [...].*
> *E13: [...]* ***Não tive apoio da minha colega bibliotecária****, ela acha tudo isso bobagem. [...] precisa de as pessoas estarem engajadas [...] saírem do quadrado [...]. Às vezes a pessoa tem interesse, sim, mas tem que ter fôlego e carisma também [...].*

Observa-se que as logísticas de "bastidores" figuram entre os pontos que mais oneram as equipes. De forma análoga, o contingente reduzido de pessoal gera situações em que os profissionais, muitas vezes de forma isolada, se desdobram em várias funções e, por vezes, até financiam as iniciativas para garantir a execução do serviço. Ainda assim, é preciso considerar, conforme Trevisol Neto, Lazzari e Kleinubing (2022, p. 3), que "[...] cada biblioteca universitária apresenta um contexto/realidade particular, visto que as estruturas hierárquicas e organizacionais são distintas em cada instituição, bem como a cultura organizacional que a cerca [...]".

Outro elemento que aparece nos discursos é a falta de referências teóricas que orientassem a gestão do clube.

> *E7: [...] Confesso que* ***não sabia nem por onde começar****. [...] A primeira dificuldade foi a falta de referências. Eu nunca tinha participado de clubes de leitura [...]. Então a gente vai experimentando [...].*

Por mais que os gestores admitam que não é difícil desenvolver um clube, essa lacuna acadêmica torna os projetos, marcadamente experimentais, que vão testando e atestando processos à medida que eles funcionam ou não perante o perfil do público frequentador.

Nesse sentido, cabe destacar que apenas alguns realizaram estudos de usuários ou consultas com a comunidade para verificar se havia demanda para a execução do serviço, bem como para conhecer as expectativas ou envolver o público na gestão do clube. Consideramos que esses instrumentos, tanto na etapa de planejamento quanto de controle do projeto do clube, devem ser basilares da gestão de serviços de biblioteca, visto que trazem dados que retroalimentam os processos garantindo a equipe mais confiança no desenvolvimento dos projetos e contribuindo para que ele se consolide institucionalmente por meio de equipes consistentes e deixando de depender da iniciativa voluntária de alguns profissionais.

Por outro lado, as facilidades encontradas mostram-se inversamente proporcionais as dificuldades, ou seja, uma questão que é uma barreira para alguns, é o ponto forte para outros. A infraestrutura, os acervos e recursos também aparecem como pilares de sustentação:

> *E13: [...] o clube do livro é um momento que* ***me deixa feliz com o meu trabalho****, [...] e a recepção do aluno [...] é o gratificante [...].*

A satisfação pessoal relatada pelos gestores demostra que o clube de leitura não é apenas para o usuário, mas também um mecanismo de ativismo profissional contra as mazelas do cotidiano, concedendo um propósito social renovado ao exercício de suas funções.

A busca pela formalização institucional — registro como projeto de extensão ou serviço de informação — aparece como a principal ferramenta para mitigar a vulnerabilidade dos projetos. No entanto, a burocracia é destacada como suporte, mas não garante a continuidade, indicando que o alicerce dessas iniciativas muitas vezes é mais humano do que documental. Isso fica nítido nos depoimentos de E11 e E15, nos quais houve a interrupção dos projetos, não por falta de público ou de interesse institucional, mas pela ausência de outros profissionais que assumissem a proposta após a saída das idealizadoras.

Em suma, podemos afirmar que o fenômeno dos clubes de leitura em BU ainda é recente e marcado por esforços individuais e engajamento subjetivo de profissionais que estão buscando maneiras de mudar a cultura organizacional de modo a incluir a

mediação de leitura como um serviço essencial da biblioteca.

5 Considerações finais

A análise da gestão de clubes de leitura em bibliotecas universitárias públicas brasileiras permitiu compreender que essas iniciativas, embora ainda marcadas por certa informalidade e por esforços individuais, configuram-se como estratégias potentes de transformação do papel social da biblioteca no contexto contemporâneo.

Os resultados demonstram que a criação e consolidação desses clubes estão diretamente relacionadas à capacidade de articulação entre fatores institucionais, profissionais e contextuais. Adicionalmente, as dinâmicas gerenciais evidenciam um modelo que combina planejamento flexível, organização participativa e avaliação predominantemente qualitativa.

Tal configuração reflete a especificidade dessas iniciativas, que buscam equilibrar a necessidade de estruturação com a preservação de um ambiente acolhedor, dialógico e não coercitivo. No entendimento dos gestores, os clubes de leitura extrapolam a dimensão de atividades culturais acessórias, assumindo progressivamente a condição de serviços de informação capazes de fortalecer vínculos entre universidade e sociedade.

Além disso, atuam como porta de entrada para novos públicos, promovendo a aproximação de indivíduos que, muitas vezes, não se reconheciam como usuários da biblioteca. Desse modo, a participação ativa dos leitores nos processos decisórios, especialmente na escolha das obras e na condução das discussões, revela um movimento de democratização da gestão, no qual o usuário deixa de ser apenas receptor de serviços para assumir papel protagonista.

Outro aspecto relevante diz respeito aos impactos gerados no ambiente institucional. Os clubes de leitura também atuam como agentes de reforma institucional silenciosa, reconfigurando a dinâmica das BUs, ampliando sua visibilidade, diversificando o uso dos espaços e influenciando políticas internas, como o desenvolvimento de coleções. Esse movimento contribui para ressignificar a imagem da biblioteca, que passa a ser percebida não apenas como um equipamento de suporte ao ensino e à pesquisa, mas como espaço de acolhimento, cultura e bem-

estar social.

De todo modo, este estudo também descortina os principais desafios que impactam a sustentabilidade dessas iniciativas. A escassez de recursos humanos e financeiros, a sobrecarga de funções dos profissionais envolvidos, a dificuldade de fidelização do público e as barreiras institucionais constituem entraves recorrentes. Soma-se a isso a ausência de referenciais consolidados que orientem a gestão de clubes de leitura no contexto das BUs, o que faz com que muitas iniciativas sejam desenvolvidas de forma experimental, baseadas na tentativa e erro.

Diante desse cenário, destaca-se a importância de incorporar práticas gerenciais mais sistematizadas, especialmente no que se refere ao uso de estudos de usuários e instrumentos de avaliação que possam subsidiar a tomada de decisão sem comprometer a natureza acolhedora dos clubes. A adoção de estratégias que conciliem sensibilidade e planejamento pode contribuir para o fortalecimento dessas ações, garantindo maior segurança na sua implementação e continuidade.

Por fim, conclui-se que os clubes de leitura constituem um importante instrumento de inovação na gestão de bibliotecas universitárias públicas, ao promoverem a integração entre dimensões informacionais, culturais e sociais. Mais do que incentivar a leitura, essas iniciativas contribuem para a formação de sujeitos críticos, para a democratização do acesso à informação e para o fortalecimento da função social da universidade. Nesse sentido, sua consolidação depende não apenas de estruturas formais, mas do reconhecimento de seu potencial transformador, tanto no âmbito institucional quanto na vida dos sujeitos que delas participam.

Diante das lacunas identificadas, recomenda-se que pesquisas futuras aprofundem a investigação sobre os impactos qualitativos dessas iniciativas na construção do senso crítico e na ampliação da visão de mundo dos sujeitos participantes. Tais esforços poderão contribuir para a consolidação dos clubes de leitura como práticas estruturantes no âmbito das bibliotecas universitárias, ampliando seu alcance e potencial de transformação social.

Referências

AGUIAR, G. A.; NASCIMENTO, M. M.; OLIVEIRA, A. A. Livros que aproximam mundos: a experiência do clube do livro internacionalista na biblioteca universitária do IRI-USP. *In*: SNBU – SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 23., 2025, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo:

FEBAB, 2025. Disponível em: https://portal.febab.org.br/snbu2025/article/view/3793. Acesso em: 18 maio 2026.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A.; SILVA, R. J. (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015. p. 9-32.

AMARAL, F. V.; CORRÊA, E. C. D. Contribuições da biblioteconomia e ciência da informação para a gestão de bibliotecas universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 18, 2020. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/140494. Acesso em: 18 fev. 2026.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BELFORT, A. R.; ALCANTARA, E. M. S.; MORAIS, L. P. Clube de leitura: um relato de experiência na biblioteca setorial de ciências humanas (CCH) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). *In*: SNBU – SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 21., 2020, Goiânia. **Anais eletrônicos** [...]. Goiânia: UFG, 2020. Disponível em: http://repositorio.febab.org.br/items/show/6897. Acesso em: 17 fev. 2026.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 fev. 2026.

BRITO, R. G. **Clubes de leitura, literatura e biblioteca**: perspectivas da mediação cultural na era da informação. 2022. 206 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-09112022-151307/pt-br.php. Acesso em: 18 fev. 2026.

CARREÑO MONTERO, Ò. **El eco de las lecturas**: introducción a los clubes de lectura. Santiago de Chile: Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos, 2015. Disponible em: https://www.bibliotecaspublicas.gob.cl/clubes-de-lectura/publicaciones/el-eco-de-las-lecturas-introduccion-los-clubes-de-lectura. Acceso el: 25 abr. 2026.

CARVALHO, M. C. Biblioteca pública e educação: apontamentos sobre o papel da leitura hoje. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 19, n. esp., p. 186-194, out./dez. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pci/a/gq85tXhf4VQgfm79wbsfhSR/?lang=pt. Acesso em: 22 maio 2026.

CATIVO, E. S. S.; SOUZA, A. J. Clube do livro: relato de experiência na biblioteca do Instituto Federal do Amazonas - campus Maués. *In*: SNBU – SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 20., 2018, Salvador. **Anais eletrônicos** [...]. Salvador: UFBA, 2018. Disponível em: https://repositorio.febab.org.br/items/show/5475. Acesso em: 17 fev. 2026.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CUNHA, M. B. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2008.

DUARTE, T.; SILVEIRA, E. Lendo representatividade: relato de experiência do clube do livro SIBI/UFPR. *In*: SNBU – SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 22., 2023, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: UFSC, 2023. Disponível em: https://portal.febab.org.br/snbu2023/article/view/2747. Acesso em: 17 fev. 2026.

DURAND, J.; GERBOVIC, L. **Clubes de leitura**: uma aposta nas pequenas revoluções. Lauro de Freitas: Solisluna, 2024. *E-book*. Disponível em: https://biblion.odilo.us/info/clubes-de-leitura-uma-aposta-nas-pequenas-revoluces-01166402. Acesso em: 16 abr. 2026.

FAILLA, Z. (org.). **Retratos da leitura no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2025.

FICHT, N. Clube do livro: uma inovação em biblioteca universitária. *In*: SNBU – SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 19., 2016, Manaus. **Anais eletrônicos** [...]. Manaus: UFAM, 2016. Disponível em: http://repositorio.febab.org.br/items/show/4427. Acesso em: 17 fev. 2026.

FONSECA, A. J. **A biblioteca universitária como fomentadora da leitura literária**: um estudo de caso no sistema de bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2023. 162 f. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação e do Conhecimento) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/items/588c7749-498b-4b91-8437-0bfbeee67ecd. Acesso em: 17 fev. 2026.

INSTITUTO ITAÚ CULTURAL; PUC-RIO – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **O Brasil que lê**: mapeamento e análise de projetos de formação de leitores no Brasil. Supervisão da pesquisa de JCastilho Consultoria. São Paulo: Itaú Cultural; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2021. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/2022/03/08/o-brasil-que-le/. Acesso em: 4 maio 2026.

IZOTON, M. Clube do conto: relato de experiência de uma bibliotecária-mediadora. *In*: SNBU – SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 22., 2023, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: UFSC, 2023. Disponível em: https://portal.febab.org.br/snbu2023/article/view/2786/2775. Acesso em: 17 fev. 2026.

KAMA, A. F. L. F.; SILVA, F.; SANTOS, F. C.; CARMO, R. B. Clube de leitura da BCE: relato de uma ação cultural na biblioteca central de Brasília. *In*: SNBU – SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 20., 2018, Salvador. **Anais eletrônicos** [...]. Salvador: UFBA, 2018. Disponível em: http://repositorio.febab.org.br/items/show/5857. Acesso em: 18 fev. 2026.

LANKES, R. D. **Expect more**: melhores bibliotecas para um mundo complexo. São Paulo: FEBAB, 2016.

LUBISCO, N. M. L. Panorama sobre a organização de serviços em unidades de informação. **Percursos**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 39-58, dez. 2011. Disponível em: https://revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/2309. Acesso em: 8 jun. 2026.

SANCHES, T. Um lugar para a leitura literária em bibliotecas universitárias. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 27, dossiê, p. 1-24, mar. 2022. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-46122022000100202. Acesso em: 10 fev. 2026.

SANT'ANA, T. D.; BERMEJO, P. H. S.; MENDONÇA, L. C.; SANTOS, N. M. **Plano de desenvolvimento institucional - PDI**: um guia de conhecimentos para as instituições federais de ensino. Alfenas: FORPDI, 2017. 130 p. Disponível em: https://encurtador.com.br/G6acr. Acesso em: 13 jul. 2026.

SANTA ANNA, J. **Implementação, avaliação, manutenção e reestruturação do serviço de referência das bibliotecas universitárias brasileiras à luz das diretrizes da *American Library Association***. 2023. 222 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/63751. Acesso em: 18 fev. 2026.

SANTOS, A. L. **A leitura literária de discentes na biblioteca universitária da UERN**. 2021. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Assú, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufersa.edu.br/handle/prefix/6770. Acesso em: 20 jul. 2026.

SEVERINO, A. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2017.

SOUZA, F. A. S.; SOARES, M. L. C.; SOUSA, J. C.; SILVA, R. Projeto conversando com autores: da criação à extensão universitária no contexto da COVID-19. **BiblioCanto**, Natal, v. 7, n. 1, p. 21-37, maio 2021. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br/download/160188. Acesso em: 18 fev. 2026.

TANUS, G. F. S.; FONSECA, A.; TANUS, G. Mediação literária nas bibliotecas universitárias federais brasileiras. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 30, e-137859, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/1808-5245.30.137859. Disponível em: https://www.scielo.br/j/emquestao/a/xP4sCCN5c3gy3ZP78tKwHVb/. Acesso em: 18 fev. 2026.

TREVISOL NETO, O.; LAZZARI, L.; KLEINUBING, L. S. 'Biblioteca de portas abertas': relato de experiência do projeto de extensão da biblioteca central da UDESC. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-16, abr. 2022. Disponível em: https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1848. Acesso em: 18 fev. 2025.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

The management of reading clubs in brazilian public university libraries

Abstract

Objective: Investigates reading clubs as an information service in Brazilian public university libraries. **Methodology**: Adopts a qualitative, exploratory, and descriptive approach, grounded in the field's literature and interviews with managers of fifteen reading clubs linked to Brazilian public university libraries. Data were processed using Bardin's (2016) content analysis technique, enabling the identification of patterns, trends, and management weaknesses. **Results**: It was observed that, although characterized by informality and by individual efforts, these initiatives constitute powerful strategies for transforming the library's social role. The study revealed that reading clubs go beyond mere cultural activities, functioning as information services capable of fostering skilled reading mediation, critical development, and stronger ties between the university and society. **Conclusions**: Reading clubs demonstrated the potential to reconfigure the dynamics of university libraries, increasing their visibility, diversifying the use of spaces, and influencing collection development policies. Furthermore, they act as gateways for new audiences, redefining the library's image as a welcoming space for culture, and well-being, thereby constituting a service capable of bringing together individuals from diverse backgrounds for dialogic interaction centered on reading.

Descriptors: Reading clubs. University libraries. Information services. Library management.

Gestión de clubes de lectura en bibliotecas universitarias públicas brasileñas

Resumen

Objetivo: Investigar los clubes de lectura como servicios de información en las bibliotecas universitarias públicas brasileñas. **Metodología**: Se adoptó un enfoque cualitativo, exploratório y descriptivo, basado en la bibliografía del área y entrevistas con gestores de quince clubes de lectura vinculados a bibliotecas universitarias públicas brasileñas. Los datos se procesaron mediante la técnica de análisis de contenido de Bardin (2016), lo que permitió identificar patrones, tendencias y debilidades de gestión. **Resultados**: Se observó que, si bien se caracterizan por la informalidad y por esfuerzos individuales, estas iniciativas constituyen estrategias potentes para transformar el rol social de la biblioteca. Se evidenció que los clubes de lectura trascienden la dimensión de actividades culturales, asumiendo la condición de servicios de información capaces de promover una mediación cualificada de la lectura, la formación crítica y el fortalecimiento de vínculos entre la universidad y la sociedad. **Conclusión**: Los clubes de lectura han demostrado el potencial para reconfigurar la dinámica de las bibliotecas universitarias, ampliando su visibilidad, diversificando el uso de los espacios e influyendo en políticas de desarrollo de colecciones. Además, actúan como puerta de

entrada a nuevos públicos, redefiniendo la imagen de la biblioteca como un espacio de acogida, cultura y bienestar. De este modo, constituyen un servicio capaz de reunir a personas de diversos orígenes en una convivencia dialógica en torno a la lectura.

Descriptores: Club de lectura. Biblioteca universitaria. Servicios de información. Gestión de bibliotecas.